

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E EVASÃO ESCOLAR: DIÁLOGOS PARA ALÉM DA CULPABILIZAÇÃO

PREGNANCY IN ADOLESCENCE AND SCHOOL DROPOUT: DIALOGUES BEYOND GUILTIZATION

Nádia Aparecida dos Santos Carlos*
Rafaela Maria de Andrade**
Michel Binda Beccalli***

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo de pesquisa a evasão escolar motivada pela gestação na adolescência. Objetiva também uma pesquisa em torno das razões para tal acontecimento e como a equipe de enfermagem pode estar intervindo. Os resultados apresentados mostram que a enfermagem se encontra robotizada na E.S.F. e não tem atendido de acordo com a equidade proposta pelo SUS. Todos os atendimentos tem sido iguais para as mulheres, independente de suas necessidades. Assim, conclui que a equipe de enfermagem pode prestar assistência como rede de apoio para as meninas, orientando-as quanto à importância dos estudos e oferecendo educação em saúde, integrada com a equipe escolar, prevenindo assim não apenas a gestação na adolescência mas também o alto índice de IST's, abusos infantis e o precoce consumo de drogas.

Palavras-Chave: Gravidez na adolescência. Evasão escolar. Assistência de enfermagem

ABSTRACT

This article aims to research school dropouts motivated by teenage pregnancy. It also aims to research the reasons for such an event and how the nursing team may be intervening. The results presented show that nursing is robotized in E.S.F. and it has not met the equity proposed by the SUS. All services have been the same for women, regardless of their needs. Thus, it concludes that the nursing team may be serving as a support network for the girls, advising them on the importance of studies and offering health education, integrated with the school team, thus preventing not only teenage pregnancy but also high rate of STI's, child abuse and early drug use.

Keywords: Teenage pregnancy. School dropout. Nursing care

*Rede de Ensino Doctum – Unidade Serra – santoscarlosnadia@gmail.com - Enfermagem

**Rede de Ensino Doctum – Unidade Serra - enf.rafaelama@outlook.com - Enfermagem

***Rede de Ensino Doctum – Unidade Serra – prof.michel.beccalli@doctum.edu.br

1- Introdução

Estudos apontam uma redução na taxa de gestações entre as adolescentes, no Brasil, na última década, porém o número ainda é preocupante por ainda se encontrar acima da taxa mundial, superando também a taxa latino-americana. Há, portanto a grande relevância na abordagem deste tema para que se discutam as razões para a evasão escolar da adolescente grávida além da preocupação de tamanha incidência e como pode ser a interferência do serviço de enfermagem.

O período gravídico por si só é uma fase complexa para algumas mulheres, com alterações hormonais, dúvidas, medos, mudanças fenotípicas e mudanças no ambiente em que vive para a chegada de uma nova pessoa. Ainda que haja planejamento para a gestação, podem ocorrer contratempos para a mulher e a família podendo resultar em situações tanto positivas quanto negativas.

Quando pensamos sobre a gravidez na adolescência, as opiniões e percepções são mais preocupantes, visto a iminência de complicações, pois sabe-se que a fase dos 10 aos 19 anos é um período de conflitos comportamentais, mudanças no corpo, na mente e a sina de se encaixar em algum meio social para se encontrar. As alterações são muitas, a puberdade marca a identidade de toda mulher.

Entende-se que o período gestacional promove por si, muitas mudanças nas vidas das mulheres. Com as adolescentes, os problemas se agravam, pois normalmente, surge também, o abandono escolar que pode ser momentâneo, durante um período da vida, ou permanente.

Para que a adolescente sinta dificuldade em se manter na escola, muitos são os problemas que a aflige e a conduz a outro estilo de vida, deixando para trás seu sonho de se formar e seguir uma profissão.

A dificuldade de adaptação, condições financeiras, medo, insegurança, condições psicológicas e a falta de adaptação das escolas para receberem essas meninas e mantê-las frequentes, podem ser parte dos grandes problemas pelos quais vivem as adolescentes que se sentem desamparadas e necessitadas de apoio que podem se encontrados por meio da assistência de enfermagem e sua equipe com preparo para acompanhar e atentar para a prevenção de uma gravidez não planejada junto às adolescentes.

A partir das pesquisas, identificam-se as possíveis razões que promovem a evasão escolar das adolescentes durante e após a gestação; qual o tempo que esse abandono dura se é permanente ou momentâneo, e quais podem ser os problemas futuros.

Entende-se que uma boa rede de apoio pode mudar toda a percepção de vida, de gestação e até dos problemas da adolescência. Para diminuir as complicações é importante um bom acompanhamento assistencial no período gravídico-puerperal, que estabelecendo um vínculo de confiança, pode estar ajudando ouvindo os medos, receios, respondendo as dúvidas, motivando, promovendo autoconfiança e orientando na escolha de um futuro.

O enfermeiro da atenção básica possui um papel de promotor de saúde e de educação na comunidade, juntamente com a equipe multidisciplinar. Quando uma adolescente encontra um vínculo de confiança com a equipe, ela consegue lidar melhor com todos os seus medos, inseguranças, enfim, com as mudanças que a gestação e a adolescência provocam.

Sabendo lidar com esses medos, recebendo apoio necessário, a adolescente e a família conseguem seguir a vida com o aspecto mais normal possível, pois com a rede de apoio como parceiro, os problemas parecerão menores e a evasão escolar possivelmente será reduzida, pois a mulher poderá compreender que é possível continuar os estudos e seguir com uma gestação saudável, e entendendo que as mudanças fazem parte do momento em que ela está vivendo.

A maternidade precoce torna-se, às vezes um caminho sem volta à vida normal, provocando sofrimento, instabilidade psicológica tanto para a adolescente quanto sua família quando não sabem como lidar com a situação.

Esta pesquisa tratará de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo em que traz como questão norteadora: quais os problemas que podem trazer uma gravidez na adolescência e como a assistência de enfermagem pode interferir na prevenção?

2- Referencial teórico

2.1- Adolescência

Sendo postulada a fase entre a infância e a vida adulta que resulta na construção da identidade pessoal, a adolescência fundamenta-se no verbo latino *adolescere* que se traduz como crescer até a maturidade. Segundo o Estatuto da

Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência compreende a faixa etária dos doze a dezoito anos, conforme a lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, Art. 2º, diferenciando-se da definição da Organização Mundial da Saúde, que dita ser no período de dez a dezenove anos. (ERIKSON, 1976); (DORIN, 1975)

Na adolescência ocorre a “crise de identidade” com mudanças físicas e emocionais provocadas pelos hormônios e mudanças sociais e cognitivas. O adolescente tende a se afastar de sua família e se aproximar de grupos com que mais se identifica à procura de uma identidade e aceitação do meio (PFROMM NETTO, 1976) (SANCHEZ et al, 2012).

É um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes...” (ERIKSON, 1968, p. 132-245) (QUIROGA et al, 2013).

A compreensão da evolução e desenvolvimento da adolescência depende também de fatores culturais, religiosos, familiares, econômicos e históricos, em que a mudança sofre interferência desses fatores, atrasando ou adiando a maturação para a vida adulta. (ALMEIDA, 2003) (SANCHEZ et al, 2012). Sendo um período de reestruturação sem tempo de duração, inicia-se sempre após a puberdade com alterações hormonais e físicas. O adolescente sai à procura de autonomia, status, liberdade, socialização agindo de maneira compulsiva e mal pensada. (TIBA, 1985) (BOCK, 2007).

2.2- Relações interpessoais na adolescência

Um problema inerente na adolescência é a questão social, quando o adolescente se aproxima mais de seu grupo de amigos, tornando as relações humanas mais intensas e se afastando da família devido a conflitos de personalidade, entre o achar correto e errado, surgindo também intensas relações com o sexo oposto. (PFROMM NETTO, 1976) (SANCHEZ et al, 2012)

No início da década de 20 até o final dos anos 70, houve uma evolução nas atitudes e comportamentos sexuais. Nesse período, uma das mudanças foi a tolerância com o ato sexual antes do casamento; outro aspecto a ser considerado é o declínio do duplo padrão que dava aos homens maior liberdade sexual que as mulheres. Essa liberação sexual pode ter atingido seu máximo; atualmente, os adolescentes e o restante da população,

aplicando-se mais as meninas, aceitam mais a atividade sexual antes do casamento (SANCHEZ et al, 2012, p.42).

Com as mudanças temporais relacionadas à relação sexual, atualmente, os adolescentes, iniciam a atividade sexual por diversos motivos: influência dos amigos, tentativa de provar a maturidade e a coragem, curiosidade e busca de novas experiências e liberdade. (SANCHEZ et al,2012)

Na atualidade, diversas adolescentes têm iniciado a vida sexual antes dos 15 anos, como forma de autoafirmação, pelas provocações da mídia, internet, superexposição dos corpos, pela estimulação dos meios de comunicação com mensagens eróticas e pelo grupo social frequentado pela adolescente, entre outros mecanismos que influenciam os jovens o tempo todo (AVILA, 2015, p.19).

Contudo a sexualidade traz discussões a respeito da idade e o desejo provocado pelas alterações hormonais, físicas, psicológicas, sociais e culturais, e que o desejo é intensificado neste período compreendido por alterações. Mesmo na atualidade havendo mais acesso à informação, a conscientização ainda é muito pouca. Os adolescentes sabem muito sobre diversos assuntos, mas não têm a consciência do cuidado que devem tomar para evitar os problemas. O básico que pode ser destacado é o não conhecimento sobre métodos contraceptivos, cuidados com infecções sexualmente transmissíveis (IST's), preconceitos, não cooperação do parceiro, abuso e planejamento familiar. (DUARTE, 2002) (AVILA, 2015).

2.3- Gravidez e puerpério na adolescência

A gestação na adolescência vem sendo discutida como um problema de saúde pública, pelo fato de que um milhão de adolescentes, entre 10 e 19 anos, apresenta uma gravidez precoce, desde o ano 2000. Por si só, a adolescência já é um período de transformação e conhecimento e a gravidez também. Fazendo a mulher passar por três períodos de transformação juntos, adolescência, gravidez e puerpério. “Cada um desses períodos traz consigo mudanças e conflitos, devido ao desequilíbrio emocional temporário; a adaptação às novas condições se faz necessária, visto que são períodos críticos do desenvolvimento da mulher” (SANCHEZ et al, 2012, p.43).

São vários os elementos que podem levar a uma gestação precoce e o principal é a falta de conscientização, onde elas sabem os riscos, mas acreditam

que nunca vai acontecer, ou usam apenas um método anticoncepcional sem pensar nas IST's e a recusa do parceiro que pode entrar em caráter de abuso. “A adolescente muitas vezes nega a possibilidade de engravidar pensando erroneamente que, se a relação sexual for mantida de forma eventual, não haverá necessidade de utilização de métodos anticoncepcionais. Outro pensamento pueril é de que não se engravida na primeira relação sexual” (SANTOS et al, 2009).

Após a gravidez, no estágio puerperal, as mudanças físicas continuam e a responsabilidade aumenta com o bebê. Mas para uma boa recuperação e continuação da adolescência, não depende apenas da adolescente-mãe, mas também do apoio familiar, dos amigos e da sociedade juntamente com o acolhimento da equipe de saúde.

2.4- A dificuldade financeira e a gestação como caráter definidor para a evasão escolar

Diante às dificuldades em uma gestação na adolescência, situação em que a menina se vê perdida diante de tantas responsabilidades sendo tão nova, ainda há a preocupação com os estudos e o bem estar financeiro.

É importante ressaltar que segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, a Educação Básica é composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, sendo gratuita e obrigatória no ensino fundamental, gratuita e progressivamente obrigatória no ensino médio e na educação infantil, conforme Emenda Constitucional Nº 59, de 2009. A educação escolar é um bem público de caráter próprio por implicar a cidadania e seu exercício consciente, por qualificar para o mundo do trabalho (ALMEIDA, 2015).

O nível educacional e socioeconômico diz muito sobre as adolescentes que engravidam precocemente e também a família na qual ela está inserida. A escola é um local de informações, onde todos que lá estão inseridos são conscientizados sobre sexualidade, prevenção e doenças sexualmente transmissíveis, mas quando a pessoa não se encontra no local onde há de forma fácil estas informações, a desinformação preocupa e traz riscos. Beretta, 2005 já dizia que: “[...] em média, mulheres sem educação formal têm o dobro de filhos daquelas com maior nível educacional” (AVILA, 2015, p. 30).

Relacionando a falta de educação com o nível socioeconômico, entra-se no fato de que as pessoas de baixa renda abandonam a escola ainda na adolescência

para trabalharem, mesmo que informal, para assim conseguirem sobreviver de forma digna e com isso, falta a educação promovendo problemas sociais como a gravidez precoce e o abandono escolar.

O nível socioeconômico tem sido frequentemente descrito como um fator relacionado à ocorrência da gravidez na adolescência, no sentido de que as classes econômicas menos favorecidas vêm apresentando elevados índices deste evento (TABORDA et al, 2014, p.17).

Sendo assim, entende-se que a dificuldade financeira já é um fator que provoca a evasão escolar, unida á gravidez precoce, os números aumentam. A escola não oferece incentivo e não há estrutura para que a menina permaneça na escola ou que retome os estudos mesmo que seja a distância, dificultando assim mais a formação escolar da adolescente.

3- Metodologia

O estudo se caracteriza como revisão bibliográfica de caráter descritivo onde mostrou um dos principais problemas de uma gravidez indesejada na adolescência, o abandono escolar, analisando a assistência oferecida pela equipe de saúde e a equipe escolar, e de caráter também qualitativo que buscou entender e mostrar o porquê de determinado comportamento e seus problemas futuros.

A pesquisa foi feita através de livros, artigos, periódicos e cartilhas que podem ser encontrados nas bases de dados Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde, Ministério da Saúde e da Educação e Google acadêmico entre o período de março a julho de 2021. Os estudos encontrados apresentaram pesquisas experimentais, descritivas e revisões sobre as temáticas que foram abordadas no trabalho, sendo os textos publicados a partir do ano 2010, nacionais, com uma temática atualizada e dinâmica. Os descritores adolescência, gravidez precoce, gravidez indesejada, sexualidade, evasão escolar foram combinados entre si que garantiram uma ampla busca de estudos e artigos e assim realizou-se o tratamento dos dados.

Os dados procurados foram em relação aos aspectos para que as adolescentes abandonem os estudos tendo como motivo principal a gestação, o puerpério e a sua situação socioeconômica, abrindo espaço para saber mais sobre a assistência nesse período da vida, nos motivos que poderiam ter interferido para a evasão escolar e quais poderiam ser os problemas futuros para as adolescentes, o filho e a sociedade.

Os critérios de inclusão utilizados para seleção das produções que compuseram o *corpus* de análise foram: 1 - estar publicados em português (Brasil); e 2 - ter relação com a temática de investigação e objetivos propostos, identificada por meio da leitura dos respectivos resumos e textos completos dos artigos. Como critérios de exclusão foram adotados os seguintes: 1 - ter sido publicado após o ano 2000; e 2 - pertinência da abordagem metodológica e analítica com o objeto de investigação delimitado no presente estudo.

4- Resultados e análises

Razões para o abandono escolar das adolescentes grávidas

A partir da leitura dos artigos observou-se que boa parte dos mesmos apontam que os principais motivos para evasão escolar em adolescentes grávidas são problemas socioeconômicos, vergonha, falta de apoio familiar e a própria gravidez em si, já muda a experiência escolar.

Alguns autores descrevem a adolescência cada vez mais associada a situações de vulnerabilidade, como uso abusivo de drogas, acidentes de trânsito, violência e infecções sexualmente transmissíveis. A gravidez na adolescência é em sua maioria descrita em características negativas e transformações radicais, como o abandono dos estudos e do lar, marginalização e dependência financeira (SANTOS et al, 2013).

Acredita-se que adolescentes praticam atividade sexual desprotegida por causa de impulsos e desejos momentâneos, sem analisar suas consequências, acarretando, em muitos casos, uma gravidez indesejada, cheias de sentimentos, de rejeição, tristeza e angústia, causando um grande impacto na vida psicológica desta adolescente, embora nem sempre enfrentadas dessa forma (COSTA et al, 2018).

A grande maioria das adolescentes grávidas não tem condições financeiras e nem emocionais para assumir a maternidade e, por causa de repressão familiar, muitas delas fogem de casa e quase todas abandonam os estudos. Havendo rejeição por parte da família a adolescente poderá sentir-se só, correndo risco de procurar abortar, sair de casa e cometer alguma atitude para tentar resolver seu problema (BALLONE, 2004).

De fato, o abandono escolar destaca-se como consequência da gravidez na adolescência, seja pelo fato em si, por sentimentos de vergonha, por não gostar da

escola e ou por desejo do companheiro. Porém, o abandono escolar e as dificuldades econômicas podem não ser apenas consequências da maternidade, mas sim resultados de uma situação de pobreza existente anteriormente à gravidez, servindo esta última somente para perpetuar tal situação (LEVANDOWSKI, et al, 2008).

Os anos de estudos podem refletir o nível de educação ou instrução do indivíduo. Pesquisas evidenciam que, quanto menor o número de anos de escolaridade, maior é a incidência de gestações entre adolescentes, ou seja, o grau de escolaridade está vinculado ao índice de gravidez em menores de 20 anos (MEINCKE, 2011).

Cunha (2004) observa que a gravidez precoce também tem reflexos na política socioeconômica, porque ameaça a qualificação da futura mão-de-obra. Por causa da evasão escolar, as adolescentes perdem a chance de concluir os estudos que, no futuro, podem melhorar a situação financeira delas. Hoje, os adolescentes que não possuem nível médio já encontram mercado de trabalho reduzido. (ROCHA, 2009, p.28)

A baixa escolaridade confere ao indivíduo menor probabilidade de inserção no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo. A adolescência é uma fase em que os indivíduos estão em formação, incluindo a escolar, e obtendo habilidades para terem maior chance de sucesso na vida adulta; portanto, assumir os papéis de mãe e de dona de casa diminui as possibilidades de qualificação profissional, prejudicando seu potencial produtivo e perpetuando a desvantagem social (SOUZA et al, 2018).

Muitas adolescentes acabam abandonando os estudos para buscar atender as necessidades econômicas da família. Muito comum em casos onde o pai da criança não é presente ou não dispõe de meios econômicos suficientes para o sustento da casa. Abandonar os estudos e ingressar precocemente no mercado de trabalho acaba sendo a única solução, já que as políticas sociais do Estado que visam garantir a vida escolar dessa população é muito escassa, e os programas sociais de distribuição de renda não atendem completamente às necessidades das classes mais baixas (CHACHAM AS, et al. 2012).

A literatura aponta que a garantia dos direitos das crianças e adolescentes através do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) passou por um percurso histórico, semelhante a outras políticas públicas brasileiras. Esse dispositivo legal

surge diante da necessidade de ampliar ações que promovam o completo bem estar desse público através de ações que garantam um cuidado integral em que sejam consideradas questões demográficas, sociais e de saúde (SANTOS, 2017).

No entanto, em se tratando de gravidez na adolescência há um leque de particularidades que na prática nem sempre são contempladas, tendo em vista que o ingresso precoce no mercado de trabalho se mostra como sendo a única alternativa para muitas dessas adolescentes. Pode-se perceber uma ineficácia por parte do Estado em atender plenamente as especificidades individuais.

Observa-se que na visão de Guimarães (2017). A eficácia desta atenção plena, a gestante adolescente, exige uma prática interdisciplinar e intersetorial com mudança comportamental por parte dos profissionais das diversas áreas. É fundamental pensar na atenção integrada onde haja uma escuta ativa sem constrangimento ou julgamento que permita a adolescente refletir e direcionar suas ações quanto a saúde reprodutiva como parte de sua projeções de vida.

Considera-se urgente priorizar a educação continuada dos profissionais que trabalham diretamente com adolescentes, não apenas os professores, mas também os que estão no setor de saúde, com capacitação sobre sexualidade, a fim de subsidiar a prática na abordagem da temática com adolescentes. Da mesma forma, é conveniente que haja maior integração entre os setores de saúde e educação, visando a valorizar a educação sexual e a promoção da saúde, oferecendo oportunidades de orientações e reflexões (HOLANDA et al, 2010).

Outro fator relevante para o abandono escolar, é a escolarização dos pais. Em uma pesquisa feita no site UOL, pais que chegaram ao ensino superior, os filhos seguiram o mesmo caminho, em contrapartida, pais que não terminaram o ensino fundamental, dificilmente os filhos chegam ao ensino superior. Em interferência a isso, existe a oportunidade que os pais não tiveram de estudar na infância, mas os filhos possuem hoje, as políticas públicas contribuem muito para que a educação chegue nas comunidades menos acessíveis, mas as condições financeiras interferem muito nesta ação.

É importante ressaltar que a educação possui diversos aspectos, não apenas escolares. De acordo com a lei 9394 de 1996 em seu artigo I “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Assim vemos que

a evasão escolar não é definida apenas por problemas como questões financeiras ou de gestação que atrapalham mas também da cultura daquela família e no ciclo social daquela adolescente.

Assistência oferecida pela equipe de saúde

A assistência oferecida pela equipe de saúde contribui para a evolução da gestação e o controle das intercorrências que possam vir a ocorrer. A gestante que faz o pré-natal corretamente, sendo avaliada todo mês, seja pela enfermagem ou pelo médico, contribui para que ocorra uma gestação mais leve e tranquila. Também as consultas de puericultura, auxiliam para evitar transtornos psicossociais ou físicos.

Autores como Fernandes, Santos e Lima, 2015, 2018 e 2017, afirmam a importância do acompanhamento à gestante na atenção primária à saúde, em que uma assistência adequada exerce um impacto positivo na gestação e promove a redução de complicações médicas no período gravídico-puerperal. “Portanto, se a gestante adolescente receber assistência pré-natal adequada, este cuidado exercerá impacto positivo, podendo minimizar possíveis desvantagens típicas da idade precoce” (FERNANDES, 2015, p.81).

O pré-natal revela-se como sendo o momento ideal para intervenção e prevenção do uso de substâncias prejudiciais para mãe e filho, é preciso que haja uma relação de intensa confiança entre as equipes de saúde, a gestante e seus familiares, para que possam identificar os fatores de risco garantindo, assim, que melhores oportunidades de intervenção ocorram. (SANTOS, 2018, p. 622).

Entretanto, a assistência que deveria servir para promover um impacto positivo sobre a vida e saúde da gestante, é relatada pelos autores que existem falhas. Apesar de nas pesquisas apresentarem que as gestantes relatam terem sido bem atendidas, terem as dúvidas esclarecidas e ficarem confortáveis com os profissionais, fica evidente a falha na assistência quanto à educação sexual e reprodutiva.

Apesar de essa circunstância contribuir para redução das complicações médicas no ciclo gravídico-puerperal, ainda não tem alcançado o êxito esperado na contribuição para educação sexual e reprodutiva e, por conseguinte, na prevenção de reincidência de gravidez na adolescência, sugerindo que as informações do pré-natal são de má qualidade ou não há interação com a adolescente (LIMA et al, 2017, p. 2081).

Em contrapartida, Fernandes, 2015 diz que na pesquisa dela, muitas gestantes relatam não receberem informações a respeito do trabalho de parto e as que receberam, afirmam não entenderem muito bem o que estava sendo abordado, queixando de não haver clareza no assunto devido o curto período de tempo da consulta.

No tocante ao recebimento de informações sobre o trabalho de parto e parto durante as consultas pré-natal 41,8% negaram ter recebido. Entre as que receberam, 15% referiram que as orientações recebidas não as ajudaram no trabalho de parto e parto. Dessas, 25% relacionaram o principal motivo com a falta de clareza nas informações recebidas, 18,7% ao tempo de consulta que era curto, 8,3% o profissional de saúde que a atendeu não a orientou e 8,3% referiu receber muitas informações ao mesmo tempo, sem entender (FERNANDES, 2015, p.85).

Na atenção primária à saúde não existe nenhum protocolo que diferencie o atendimento de pré-natal de uma adolescente ao de uma mulher adulta, mesmo que alguns profissionais concordem da importância de diferenciar o tipo de conduta de acordo com a faixa etária, visto que na adolescência, os riscos se tornam maiores pelos fatores do corpo não está preparado fisiologicamente, a vulnerabilidade social e de informação e a imaturidade emocional.

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo, pois o risco à saúde da mãe e da criança é real, considerando que nem sempre o corpo da adolescente está preparado fisiologicamente para o desenvolvimento da gestação. Outros riscos, além do biológico, também são apontados, como a maior vulnerabilidade relacionada à situação social, falta de informação e falta de competência emocional, que podem trazer agravantes na condução do ciclo gravídico puerperal, no cuidado com o recém-nascido e no autocuidado materno (BARBARO, 2014, p.02).

(...)a necessidade de ações voltadas para a saúde da mulher, em especial das adolescentes, no que diz respeito ao pré-natal abrangendo planejamento familiar, saúde sexual e reprodutiva, consequências do uso de álcool, cigarro e outras drogas na gestação, principais doenças e suas complicações, entre outros assuntos pertinentes ao ciclo gravídico puerperal. Evitando assim, possíveis complicações que terão impactos não somente na vida das adolescentes, como também na mortalidade materno infantil e na saúde pública (SANTOS, 2018, p.624).

Seguindo o protocolo de assistência, existem duas determinações, uma do Ministério da Saúde (MS) e outra do Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN) que foi intitulada pelo MS em 2000. É recomendado no mínimo seis consultas durante a gestação, porém, de acordo com autores, foi notado que as adolescentes iniciam o pré-natal tardiamente, quando comparadas com as adultas, e com isso ocorrem situações que poderiam ser evitadas se o acompanhamento fosse

seguido corretamente. “As adolescentes iniciam mais tardiamente e realizaram menos consultas se comparadas às adultas.” (SANTOS, 2018, p.623) “As gestantes adolescentes, principalmente as que possuíam idade \leq 14 anos, apresentaram menor cobertura da assistência pré-natal.” (MENDES, 2020, p.798) “Para os autores, o pré-natal não adequado, abaixo de seis consultas, conferiu chance aumentada de ocorrência de prematuridade e baixo peso ao nascer entre as mães adolescentes.” (FERNANDES, 2015, p.83).

Assim sendo, é notado que a assistência ao pré-natal precisa ser incentivada pela equipe de saúde. A falta de incentivo da rede de apoio, a desvalorização do cuidado em relação à saúde vista pelos adolescentes geram desconfortos, deixando a mãe em negação quanto à procura do atendimento precoce. E esta negação faz com que o início tardio no pré-natal provoque intercorrências desfavoráveis para mãe e bebê.

Possíveis desdobramentos

A gravidez na adolescência pode acarretar uma série de fatores que contribui negativamente para a vida profissional. Essas mães adolescentes muitas vezes acabam tendo que abrir mão da sua vida estudantil, pois há uma maior responsabilidade como mães e esposas, tendo em vista que as mesmas não estão preparadas para tal acontecimento.

A gravidez e a maternidade na adolescência, em contexto de rede de apoio ausente ou fragilizada, podem gerar limitações na vida das adolescentes, como a dificuldade de conciliar a nova condição com o processo de escolarização. Nesse período, a criança fica em primeiro lugar e as outras coisas, como o auto-cuidado e estudo, passam a ter papel secundário (MENEZES et al, 2012).

Segundo Pinto (2013), observaram que a maioria das adolescentes encontravam-se cursando o ensino fundamental e médio, portanto em atraso escolar, conforme os limites etários estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para o ensino fundamental (6 a 14) e para o ensino médio (15 a 17). Considerando que as adolescentes estão em pleno período de formação educacional, a gravidez pode desencadear atraso ou até mesmo suspensão das atividades escolares.

Esses problemas são favoráveis após o parto, que tende a contribuir para a evasão escolar visto que poucas adolescentes conseguem retomar os estudos

consequentemente ocasionando nível de baixa escolaridade, isso acaba trazendo muitas mudanças na vida dessas adolescente, tornando um ciclo de escassez e pobreza.

A importância da escola para as jovens, considerando o acirramento das vivências de desigualdade social e de gênero quanto menor o grau de instrução das mulheres. É primordial o apoio de todos para que jovens mães ou grávidas continuem seus estudos, pois o abandono e fracasso escolar limitam, sobremaneira, as possibilidades de construção de independência financeira das jovens, principalmente de camadas populares onde a rede de apoio já se encontra fragilizada em termos econômicos. (MENEZES et al, 2012).

A relação da evasão escolar com a gestação na gravidez pode ser vista como um problema social de educação e saúde, já que analisando os aspectos, a saúde tem muito a ver com a educação que a pessoa tem, não só em caráter de estudo, mas também a educação tida de acordo com sua cultura.

Adolescentes consideram que qualquer informação tida em sua gestação é o suficiente, mas quando questionadas sobre a amamentação, educação e incentivo aos estudos, elas queixam não ter recebido este tipo de informação. O que é um processo falho, visto que na atualidade, o incentivo aos estudos tem sido feito por todos e o enfermeiro como educador social, também deveria incentivar ao não abandono escolar.

O problema da gestação na adolescência não gira apenas no abandono escolar, mas também na questão de quais problemas o abandono pode trazer para a relação familiar, financeira e futura desta mãe e do filho. O desemprego ou a desvalorização salarial devido a falta de estudo, gera desânimo para o trabalho, estresse, déficit no autocuidado e a satisfação pessoal é deixada de lado.

Portanto, pensar em gravidez na adolescência significa também levar em conta a maneira como a jovem gestante enfrenta permanecer na escola, dar conta dos estudos e ainda levar adiante uma gravidez. Sendo assim cabe, neste momento, abordar a possível existência de uma relação entre gravidez na adolescência e evasão escolar. (ROCHA, 2009, p.27)

Assim, percebe-se que são vários os aspectos a serem enfrentados para não evadir aos estudos e levar adiante a gestação, sendo preciso uma intervenção baseada na necessidade de cada menina, um atendimento individualizado, focando na necessidade de cada mulher.

5- Considerações finais

Ao iniciar este trabalho de pesquisa percebeu-se as complexidades às quais envolvem uma gestação precoce, então surgiu a necessidade de estudar sobre a gravidez na adolescência e a evasão escolar. Nesse sentido sugere-se que uma rede de profissionais da saúde juntamente com as escolas sejam um dos pilares de apoio a essas adolescentes.

A gravidez na adolescência é um tema complexo que está atrelado a vários fatores existentes, pois é na adolescência que se decide grande parte do futuro, e quando surge uma gravidez precoce, aumentam as responsabilidades e os desafios, situações em que, muitas delas acabam abrindo mão dos estudos, e com isso surge a evasão escolar que implica com grandes problemas socioeconômicos que vão se perpetuando ao longo do tempo trazendo um ciclo de pobreza.

Diante do exposto pode se observar que os profissionais de saúde têm potencial para contribuição na prevenção e abordagem da gestação precoce, na proporção de um acolhimento humanizado capaz de oferecer subsídio para o grupo adolescente lidar com os desafios enfrentados.

Contudo, os artigos apontam a necessidade de um maior aprimoramento na oferta desses serviços. Os profissionais reconhecem que podem fazer mais, mas a rotina e a falta de incentivo de outras esferas, como a integração da educação, faz com que a assistência continue robotizada, levando apenas o necessário de informação para aquela mulher. Seria de grande importância entender os aspectos psicológicos da faixa etária no atendimento, assim, não tratando uma adolescente da mesma forma que trata um adulto que já possui seus conhecimentos de vida ou com independência financeira e ou educação, já formados.

Nesta pesquisa foi observado que os estudos concordam que a assistência mais humanizada em todo o período de vida de uma pessoa, infância, adolescência e na fase adulta é relevante para bons resultados para a saúde das pessoas e prevenção de muitas doenças por desinformação. Porém a educação não entra em consonância com a saúde, são dois setores que deveriam trabalhar paralelamente. Nota-se a existência de falhas que poderiam ser preenchidas com programas sociais e a inclusão da enfermagem nas escolas.

Sendo assim, é perceptível que o enfermeiro como educador e promotor da saúde, precisa entender todo o aspecto social da paciente, conversar e incentivá-la

para oportunidades que a farão crescer como pessoa, mulher e mãe, com uma assistência humanizada.

Uma equipe de saúde como rede de apoio durante os nove meses de pré-natal e por toda a vida por meio de consultas de puericultura e sobre a saúde da mulher é imprescindível para o bem estar toda uma história familiar.

Referências

ALMEIDA, T. C. *As causas da evasão escolar de crianças e adolescentes da educação básica e sua relação com a violação de direitos humanos*. Universidade Federal do Para Setor Litoral. Cursos de especialização em Direitos Humanos. 2015. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42113/R%20-%20E%20-%20TALITA%20COSTA%20DE%20OLIVEIRA%20ALMEIDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 05 de junho de 2021.

AVILA, I. T. F. *A reincidência da gravidez na adolescência e a evasão escolar*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Araraquara, São Paulo, p. 41. 2015. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/3489.pdf>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

BALLONE, G. J. *Gravidez na adolescência*. 2004. Disponível em: < <http://www.psiqweb.med.br> > Acesso em: 04 jun. 2021.

BARBARO, M. C.; LETTIERE, A.; NAKANO, A. M. S. *Assistência pré-natal à adolescente e os atributos da Atenção Primária à Saúde*. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 22, n.1, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/76076>>. Acesso em 13 de maio de 2021.

BEZERRA, M.; MARTINS, L.. *Escolarização dos pais é decisiva no nível educacional dos filhos, diz IBGE*. UOL, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/12/15/so-46-dos-filhos-de-pais-sem-ensino-fundamental-tem-diploma-no-brasil.htm> >. Acesso em 13 de junho de 2021.

BOCK, A. M. B. *A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores*. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v.11 n.1 p.63-76. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07>>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente e outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 09 de setembro de 2020.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 13 de junho de 2021.

CHACHAM, A. S., et al. Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: *Uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte*. Revista Brasileira de Estudo Populacional, v. 29, n. 2, p. 389-407, dez, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/K9szWRX78C4w3gmZtKdKRdg/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 25 de abril de 2021.

COSTA, G. F., et al. *Fatores psicossociais enfrentados por grávidas na fase final da adolescência*. Rev Bras Promoção da Saúde, Fortaleza, v.31, n.2, p. 1-8, jun, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6661>> Acesso em: 23 de maio de 2021.

CREMONESE, L., et al. *Vivências do Período Gravídico-Puerperal na Perspectiva de Mulheres Adolescentes*. Revista Cuidado é Fundamental. V.11 N.5 P. 1148-1154, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6895/pdf_1>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

CREMONESE, L., et al. *Apoio social na perspectiva da puérpera adolescente*. Esc. Anna Nery, vol.21, n.4, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0088>>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

DORIN, L.. *Psicologia da Adolescência, para Jovens, Pais e Professores*. Ed. Do Brasil S.A. São Paulo, 1975.

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, R. F. M. et al. *Características do pré-natal de adolescentes em capitais das regiões Sul e Nordeste do Brasil*. Texto e contexto - Enfermagem, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-07072015001230012>>. Acesso em 14 de maio de 2021.

GAMA, S. G. N. da; SZWARCOWALD, C. L.; LEAL, M. C. *Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda*. Cad. Saúde Pública, v. 18, n. 1, p. 153-16, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 setembro de 2020.

HOLANDA, M. L., et al. *O papel do professor na educação sexual de adolescentes*. Cogitare Enfermagem, v. 15, n. 4, P, 702-8, dez, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/20371>> Acesso em: 25 de maio de 2021.

LEVANDOWSKI, D. C., et al. *Maternidade adolescente*. Estud. psicol. Campinas, v.25, n. 2, jun, 2008. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Kzfr9njMQGL9mGLtJMdccCv/abstract/?lang=pt>>
Acesso em: 25 de abril de 2021.

LIMA, G. K. S., et al. *Autocuidado de adolescentes no período puerperal: aplicação da teoria de Orem*. Rev. enferm. UFPE v.11 n.10 p. 4217-4225, 2017. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-33215>>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

LIMA, M. N. F. A. et al. *Adolescentes, gravidez e atendimento nos serviços de Atenção Primária à Saúde*. Rev. enferm. UFPE on line, Recife, v.11, n. 5, pag. 2075-82, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23361>>. Acesso em 13 de maio de 2021.

MEINCKE, S. M., et al. *Perfil Socioeconômico e Demográfico de puérperas adolescentes*. Cogitare Enfermagem, v.16, n.3, p. 486-91, Jul/Set 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/2156>> Acesso em: 18 de maio de 2021.

MENDES, R. B. et al. *Avaliação da qualidade do pré-natal a partir das recomendações do Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento*. Ciênc. saúde coletiva, v. 25, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/cdtVRDQYnSdzTNCGFjSZCJr/?lang=pt>>. Acesso em 18 de maio de 2021.

MENEZES, J. A., et al. *Gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização*. Revista Percursos. Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 134 – 154, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2497/2201>> Acesso em: 18 de maio de 2021.

MOTTA, M.; JESUS, M. P.; MORAES, F. R. *Dificuldades e desafios do pré-natal sob a perspectiva das adolescentes grávidas*. Revista adolescência e saúde. V.14 n.3, 2017. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=672>. Acesso em 03 de agosto de 2020.

OLIVEIRA, D. M.; FULGENCIO, L. P. *Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação*. Psicologia em Revista, v.16 n.1, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100006>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

PINTO, J.F; OLIVEIRA, V.J; SOUZA, M.C. *Perfil das adolescentes grávidas no setor saúde do município de Divinópolis – Minas Gerais*. Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro. Minas Gerais, v.3, n.1, p.518-530, jan/abr.2013.

QUIROGA, F. L.; VITALLE, M. S. S. *O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico*. Physis Revista de Saúde Coletiva, v.23 n.3 p. 863-878, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/physis/2013.v23n3/863-878/>> . Acesso em: 28 de setembro de 2020.

ROCHA, C. A. *Gravidez na adolescência e evasão escolar*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120798/rocha_ca_tcc_rcla.pdf?s>. Acesso em 17 de junho de 2021

RODRIGUES, F. R. A., et al. *A vivência do ciclo gravídico-puerperal na adolescência: perfil sociodemográfico e obstétrico*. Revista Mineira de Enfermagem, v.12 n.1 p.27-33, 2008. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/234>>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

SANCHEZ, P.; LAFUENTE, I.; FERREIRA, C. *Reincidência de gravidez na adolescência: aspectos psicossociais*. Revista Uniara, v.15 n.2, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/87>>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

SANTOS, A.; CARVALHO, C. V. *Gravidez na adolescência: um estudo exploratório*. Boletim de psicologia v.56 n.125. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000200002>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

SANTOS, C. A. C. dos; NOGUEIRA, Kátia Telles. *Gravidez na adolescência: falta de informação?* Revista oficial do núcleo de estudos da saúde do adolescente / UERJ. v.6 n.1. P. 48-56. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=42>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

SANTOS, A. S.; SILVEIRA, R. E. *Gravidez na adolescência e evasão escolar: Revisão Integrativa da Literatura*. Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde, v.1, n. 02, p. 89-98, 2013. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/307>> Acesso em: 16 de março de 2021.

SANTOS, R. M. *Associação entre reprovação escolar e aspectos sociais e de saúde em adolescentes de escola pública*. Universidade federal da Bahia escola de Enfermagem, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25378/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_%20Enf_%20Raiane%20Moreira%20Santos.pdf> Acesso em: 23 de maio de 2021.

SANTOS, L. A. V. S. et al. *História gestacional e características da assistência pré-natal de puérperas adolescentes e adultas em uma maternidade do interior de Minas Gerais, Brasil*. Ciencia e saúde coletiva. V. 23, n.2, pag. 617-625, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/VXZbwyV4m5cQPsGZPVRqRkK/?lang=pt&format=html>>. Acesso em 17 de junho de 2021.

SOARES, T. M., et al. *Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais*. Educ. Pesqui. v. 41, n. 3, p. 757-772, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0757.pdf>>. Acesso em: 03 de dezembro de 2020.

SOUSA, C. R. O., et al . *Fatores preditores da evasão escolar entre adolescentes com experiência de gravidez*. Cad. saúde colet., v. 26, n. 2, p. 160-169, Rio de Janeiro 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2018000200160&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 setembro de 2020.

TABORDA, J. A., et al. *Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas*. Cad. Saúde Colet. P. 16-24. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cadsc/v22n1/1414-462X-cadsc-22-01-00016.pdf>>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

Taxa de gravidez no Brasil está acima da média mundial, aponta ONU. Andi, Comunicações e Direitos, 2020. Disponível em: <<http://www.andi.org.br/clipping/taxa-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil-esta-acima-da-media-mundial-aponta-onu>>. Acesso em: 09 de setembro de 2020.

VALLE, L. E. L. R.; MATTOS, M. J. V. M. *Adolescência: as contradições da idade*. Rev. psicopedag., v.28, n.87, p. 321-323, São Paulo, 2011 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 setembro de 2020.